

“DIÁRIO DE UM DETENTO”: RELAÇÕES RACIAIS E ESPAÇO URBANO

“DIÁRIO DE UM DETENTO”: RACE RELATION AND URBAN SPACE

MARQUES, LEANDRO FERREIRA¹; ARAÚJO, FLÁVIA DE SOUSA².

¹Mestrando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia; leandromarques@ufba.br.

²Doutora em Planejamento Urbano e Regional, Professora Adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas; flavia.araujo@fau.ufal.br.

RESUMO

O presente artigo tem como intenção refletir sobre as relações raciais dentro do espaço público urbano a partir do papel do campo de estudos da Arquitetura e Urbanismo. É fruto de reflexões de um Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo em Maceió, Alagoas. A metodologia parte da provocação de algumas músicas do álbum “Sobrevivendo no Inferno” dos Racionais MC’s e do conceito de epistemicídio de Sueli Carneiro, associadas a relatos pessoais sobre o fardo de ser um intelectual negro nos espaços de ensino superior, junto ainda de uma revisão e crítica bibliográfica de autores(as) brancos(as/es) a partir de autores(as) negros(as/es). Concluímos que existem padrões no modo de fazer e pensar a cidade na Arquitetura e Urbanismo que colocam a população negra em um constante lugar de subalternidade, herdadas de uma história colonial. Portanto, repensar o que está posto neste campo, de conceitos à práticas, via racialidade, é um dever. Isso esbarra, entretanto, na invalidação de conhecimentos raciais ou objetificação de corpos negros por pesquisadores(as) brancos(as/es), que ainda são maioria estrutural nas academias. Além disso, para intelectuais negros(as/es), esse dever tem diferentes pesos, pois também fala sobre adentrar e refletir sobre episódios de dor, a sobrecarga de estudos sobre raça, e a falta de referências fundantes nos currículos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo. Ressaltamos ainda a importância de reconhecer a potência do compartilhamento com outros pesquisadores(as) negros(as/es) para o acolhimento e validação nos processos de pensar e produzir conhecimento.

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo; Ensino; Epistemicídio; Racismo.

Recebido em: 17/07/2023

Aceito em: 17/11/2023

ABSTRACT

This article aims to reflect on racial relations within the urban public space through the role of the field of Architecture and Urbanism studies. It is the result of reflections from a Final Graduation Project in Architecture and Urbanism in Maceió, Alagoas. The methodology is based on the provocation of some songs from the album “Sobrevivendo no Inferno” by Racionais MC’s and the concept of epistemicide by Sueli Carneiro, associated with personal accounts about the burden of being a black intellectual in higher education spaces, along with a review and critical analysis of literature by white authors from the perspective of black authors. We conclude that there are patterns in the way the city is conceived and thought of in Architecture and Urbanism that place the black population in a constant position of subalternity, inherited from colonial history. Therefore, rethinking what is established in this field, from concepts to practices, through the lens of race, is a duty. However, this encounters the invalidation of racial knowledge or the objectification of black bodies by white researchers, who still constitute the structural majority. Additionally, for black intellectuals, this duty carries different weights, as it also involves delving into and reflecting upon episodes of pain, the burden of studying race, and the lack of foundational references in the curricula of Architecture and Urbanism courses. We also emphasize the importance of recognizing the power of sharing with other black researchers for support and validation in the processes of thinking and producing knowledge.

Key-words: Architecture and Urbanism; Education; Epistemicide; Racism.

PONTO(S) DE PARTIDA(S)

São Paulo, dia 1º de Outubro de 1992, oito horas da manhã
 Aqui estou, mais um dia
 Sob o olhar sanguinário do vigia
 Você não sabe como é caminhar com a cabeça na mira de uma HK
 Metralhadora alemã ou de Israel
 Estraçalha ladrão que nem papel
 Na muralha, em pé, mais um cidadão José
 Servindo o Estado, um PM bom
 Passa fome, metido a Charles Bronson
 Ele sabe o que eu desejo
 Sabe o que eu penso
 O dia tá chuvoso, o clima tá tenso
 Vários tentaram fugir, eu também quero
 Mas de um a cem, a minha chance é zero
 Será que Deus ouviu minha oração?
 Será que o juiz aceitou a apelação?
 Mando um recado lá pro meu irmão
 Se tiver usando droga, tá ruim na minha mão
 Ele ainda tá com aquela mina
 Pode crer, moleque é gente fina
 Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá
 Tanto faz, os dias são iguais
 Acendo um cigarro, e vejo o dia passar

Trecho da música "[Diário de Um Detento](#)" dos Racionais MC's (Sobrevivendo, 1997)

Colagem 01 - Dona Maria - série Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros.

Fonte: Paula; Marques, 2021.



¹Racionais MC's é um grupo brasileiro de rap formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay, considerados o maior grupo de rap do Brasil, foi fundado em 1988 com a preocupação de denunciar a opressão que o racismo e o capitalismo causavam através da miséria, violência e o crime na população negra.

Quando eu realmente escutei o álbum "Sobrevivendo no Inferno" dos Racionais MC's¹, aos meus 22 anos de idade, parei para pensar na

²A fim de enfatizar e não silenciar os demais grupos que sofrem com racismo, o teórico Henrique Cunha, estudioso das áreas de Bairros Negros, Territórios negros, História e Urbanismo Africano, utiliza do acréscimo do termo "antinegro" para direcionar um dos afetamentos do racismo e, assim, falar com mais propriedade acerca dos problemas específicos que a população negra sofre (Bairros, 2021; Relações, 2021).

³Grada Kilomba é uma artista interdisciplinar, escritora e teórica nascida em Lisboa (com raízes em São Tomé e Príncipe e Angola), onde estudou psicologia e psicanálise. Doutora em filosofia na Freie Universität, Grada ficou bastante conhecida pelo seu trabalho "Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano" (2019), obra na qual discute sobre os danos psicológicos causados pelo racismo, sendo o livro traduzido e publicado em várias línguas internacionalmente.

⁴De acordo com o Conselho Nacional do Ministério Público "A categoria 'Crimes Violentos Letais Intencionais' foi idealizada em 2006 pela Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça (SENASP), com a finalidade de agregar os crimes de maior relevância social. São considerados como CVLI os crimes de homicídio doloso, incluindo-se o feminicídio, a lesão corporal seguida de morte e o latrocínio." (Brasil, 2021, p. 08).

mensagem e significado dessas letras e de como elas conversam comigo. Falo de uma realidade na qual tive acesso a uma boa estrutura familiar, a boas escolas, a comida, a roupa, a moradia, ao lazer, mas apesar de tudo isso eu sempre me sentia diferente e que precisava me esforçar mais do que os outros para conseguir ser reconhecido, visto, ao menos considerado e escutado. Essa sensação de insuficiência, não reconhecimento e não pertencimento me acompanhou desde pequeno. Só quando entrei na Universidade, local no qual me reconheci como pessoa negra, que me dei conta dos motivos: eu não sou diferente, tornam-me diferente.

Compreender que o racismo antinegro² afeta nossa condição como indivíduo negro na sociedade foi doloroso e ao mesmo tempo uma forma de resistência e autoconhecimento. Ao ler Grada Kilomba³ (2019) e entender que o racismo tem como característica marcante a construção da diferença ligada à formação de valores hierárquicos de naturalização da desonra e inferiorização de pessoas não brancas, somados as estruturas de poder histórico, social, econômico e político; cheguei a conclusão de que eu também estou tentando "Sobreviver no Inferno". É dentro disso e do sentimento da música "[Diário de Um Detento](#)" que surge a ideia e intenção de escrita deste artigo: a de refletir sobre as relações raciais dentro do espaço público urbano e o papel do campo de Arquitetura e Urbanismo nisso.

Nesse sentido, a metodologia do artigo parte da provocação de algumas músicas do álbum "Sobrevivendo no Inferno" (Sobrevivendo, 1997) que fomentam a escrita de relatos pessoais sobre o fardo de ser um intelectual negro na produção de meu TFG que trata sobre raça e racismo através de uma revisão bibliográfica de autores que tratam do assunto. Pontuamos nessa mesma pegada reflexões sobre minha formação na faculdade de Arquitetura e Urbanismo, a partir do conceito de epistemicídio. Dentro desses relatos pessoais sobre educação e ensino, migramos de forma não dissociada, então, para reflexões sobre relações raciais e espaço urbano por meio de mais revisões bibliográficas, no intuito de entender como o campo da Arquitetura e Urbanismo auxilia na produção de discursos racistas.

Ressaltamos que a produção desse artigo provém de um dos capítulos do meu Trabalho Final de Graduação (TFG) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas, apresentado em 2022, intitulado: "['Sobrevivendo no Inferno': experimentos com montagem urbana na cidade de Maceió/AL](#)" (Marques, 2022). O TFG tinha a intenção de buscar enfrentamentos à representação negativa negra na cidade, partindo de um foco no estudo da violência sofrido por corpos negros. Fundamentalmente da violência letal urbana por meio da análise dos Crimes Violentos Letais Intencionais⁴ entre 2012 e 2021, junto a dados de raça, gênero, renda, educação e densidade demográfica, a

partir do estudo de caso do município de Maceió, capital de Alagoas, estado do nordeste brasileiro (Figura 01), cidade no qual cresci e fui criado. Descobrimos que há uma territorialização racial das mortes violentas letais intencionais nos bairros negros⁵ de Maceió-AL, morrendo uma pessoa negra de forma violenta a cada 18 horas e afetando majoritariamente jovens-homens-negros⁶.

Figura 1 - Esquema de localização do recorte de estudo.

Fonte: Marques, 2020.



⁵Bairros Negros” é um conceito cunhado pelo teórico Henrique Cunha (2021), no intuito de buscar outros discursos e assim melhor descrever as territorialidades negras nas cidades, não reduzindo-as apenas a visão de classe, como comumente é tratado e, portanto, desinvisibilizando a relação racial na organização espacial das cidades para além de não só enxergar essas áreas pela sentença da miséria e da pobreza de capital, usualmente, conceituadas por teorias urbanísticas eurocêntricas de negação a diversidade e reprodutora de dualismos e da naturalização da inferioridade dessas áreas: cidade formal x informal, centro x periferia, bairros populares, periféricos, aglomerados subnormais.

⁶Vilma Reis (2005) traz o conceito de jovens-homens-negros para tratar de quem mais a violência letal urbana afeta, reforçando as dimensões identitárias e interseccionais, de raça, gênero e geração.

⁷Em pesquisa publicada em abril de 2021, o Instituto Locomotiva destaca que 84% das pessoas percebem o racismo, mas apenas 4% se consideram preconceituosas (2021).

Assim, se constrói uma narrativa de medo e insegurança ao redor dos bairros negros, principalmente pelas ações policiais e a constante divulgação de imagens de morte pela mídia, impactando diretamente a produção urbana e arquitetônica da cidade como um todo e reforçando que os bairros negros se resumem a violência. Ainda pouco se discute de forma ampla sobre as premissas do fazer e estudar a cidade relacionada à questão racial. No país da falsa democracia racial⁷, não basta reconhecer que o campo da Arquitetura e Urbanismo, enquanto mais uma instituição e local de prática, dialoga, absorve, reproduz e perpetua problemáticas estruturais da sociedade brasileira; também é preciso tomar partido das ferramentas desse campo do conhecimento (no meio profissional e acadêmico) para criar e pensar meios de combate ao racismo. É nesse sentido que a escrita deste artigo é embasada e justificada.

QUAL MENTIRA [NÃO] VOU ACREDITAR

Quem é preto como eu já tá ligado qual é
 Nota Fiscal, RG, polícia no pé
 ('Escuta aqui: o primo do cunhado do meu genro é mestiço
 Racismo não existe, comigo não tem disso. É pra sua segurança')
 Falou, falou, deixa pra lá
 Vou escolher em qual mentira vou acreditar
 Tem que saber curtir, tem que saber lidar
 Em qual mentira vou acreditar?
 A noite é assim mesmo, então... deixa rolar
 Em qual mentira vou acreditar?

Tem que saber curtir, tem que saber lidar
 Em qual mentira vou acreditar?

Trecho da música "[Qual Mentira Vou Acreditar](#)" dos Racionais MC's (Sobrevivendo, 1997)

Colagem 2 - Anastácia -
 série: Me curar em Mim
Fonte: Marques, 2022.



...sobre o fardo de ser um intelectual negro

Aqui escrevemos sobre a dor e, como pesquisador negro, tenho a tarefa e o peso de não esquecer que antes somos pessoas, que somos afetados por opressões, que a sensação de insuficiência, não reconhecimento e não pertencimento nos perseguem, nos fazem ter muitas cobranças, inclusive com a qualidade e relevância deste trabalho para conosco e para a comunidade que representamos. Sempre temos que ser os(as/es) melhores, mais educados(as/es), bem vestidos(as/es), sempre limpos(as/es), saber o que responder, andar com um sorriso no rosto, sermos gentis, não podemos cometer um erro sequer. Essa é a tarefa e exercício diário para tentar escapar em alguma medida do racismo antinegro que nos faz viver numa constante tensão, nos demanda ser ideais, perfeitos, tudo isso para corresponder a uma expectativa vinda de fora.

Segundo Harold Cruse⁸, em seu livro *A Crise do Negro Intelectual* (1967), no qual descreve problemáticas sociais de intelectuais da negritude estadunidense/norte-americana, mas que podem ser trazidas para uma realidade brasileira, as

[...] peculiaridades da estrutura social [...] e a posição da classe intelectual dentro dela tornam especial o papel

⁸Harold Cruse era um acadêmico estadunidense/norte-americano, conhecido pelas suas críticas sociais e estudos afro-americanos na Universidade de Michigan na segunda metade do século XX. Ficou conhecido pela sua obra "A Crise do Negro Intelectual" (1967), no qual tratava da relação entre a sociedade e a população negra estadunidense/norte-americana.

funcional do intelectual negro. **O intelectual negro deve lidar intimamente com a estrutura do poder branco e o aparato cultural, e as realidades internas do mundo negro ao mesmo tempo.** (Cruise, 1967, p. 451, tradução nossa, grifo nosso).

O pesquisador que toma o posicionamento político de se colocar como pessoa negra, carrega um fardo: de sempre estar a par das discussões sobre racismo, de ter lido toda a coleção de livros do Feminismos Plurais (série de livros acerca de racismo, negritude, lugar de fala, empoderamento e temáticas similares), de saber sobre todos os conceitos, do “colorismo” ao “empoderamento”, e teóricos da área. O erro não é permitido, as lacunas tem que ser preenchidas, uma infinita autocobrança de levar e ter ciência do conjunto de problemas que tratar deste assunto traz.

Ao abordar a complexidade da temática de raça muitas pontas ainda ficarão em aberto nesse estudo. Paralelamente, devemos nos lembrar que isto é apenas um artigo fruto de um Trabalho Final de Graduação - TFG, que, idealmente, deveria ser feito no período de apenas 01 (um) semestre, mas que levou quase dois anos. Ocasionalmente, somos cobrados por nós mesmos(as) ou por professores(as), principalmente brancos(as/es), de ter mais propriedade para falar da temática, para abordar e nos apropriar da leitura de autores e autoras que tratam do assunto. Apenas a busca e estudo de referenciais foi incessante e em épocas me questionei se colegas de turma brancos/as/es, que também estão se formando e entregando seus TFGs (que não tratam de temáticas raciais), tiveram essa cobrança. Com certeza não tiveram.

Apenas na entrega parcial deste trabalho já tinham sido feitas diversas leituras (livros, artigos, dados de pesquisa, TFGs, teses, dissertações, notícias, músicas), visualização de vídeos, pinturas, fotografias, exposições e realização de cursos (como pode ser visto na lista de referências bibliográficas ao final deste trabalho), que me perguntava se isso não se equivalia a um mestrado. Mesmo assim as indicações de referenciais não paravam e, por vezes, elas nem conversavam tanto com o que aqui lidamos, mas por tratar de raça sempre me era indicado, como se a temática se resumisse a alguns problemas. No fim das contas, falar sobre raça tem diversas peculiaridades e nuances. O grande fardo de ser um intelectual negro, de sempre ser cobrado, o que inclusive se tornou um dos motivos de eu também demorar para entregar este trabalho (quase dois anos), me esgotando intelectual e fisicamente em meio a uma pandemia. Enquanto o que eu desejava era apenas me formar para ingressar no mercado de trabalho, entregando, obviamente, um trabalho de qualidade, mas que não via essa mesma cobrança, tanto minha como do corpo docente, em estudantes brancos(as/es). Esse é um paradoxo que nos exige ser exemplar

e produzir o melhor que podemos — afinal, é o papel da universidade —, mas que nos coloca na posição, mais uma vez, de pessoas negras que devem seguir regras, ser subservientes e se esforçar muito mais que os demais.

O processo de TFG em si já é penoso, com a mudança do perfil dos/as/es alunos/as/es a partir das políticas de cotas ele se torna mais ainda, afinal, nem sempre o(a) estudante negro(a/e) ou indígena consegue se dedicar tanto a um trabalho por questões econômicas e pessoais, sendo a formação ao longo do curso cansativa, perpassada por jornadas de trabalho/estudos triplas, e quando se adiciona querer falar sobre raça tudo fica ainda mais difícil. Parece que a própria construção da Academia e do fazer conhecimento se inclina para dificultar este processo do alunado não branco em tratar de temáticas de opressão. Além disso, importa destacar que durante a minha graduação em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas - FAU/UFAL eu não tive contato dentro dos conteúdos programáticos das disciplinas com temáticas que tratassem de raça e se tive foi incipiente. Sempre percebemos que a maioria da literatura do curso se concentrava em homens brancos europeus ou norte-americanos (que, na maioria dos casos, já morreram). Também sempre nos incomodou que o corpo docente fosse composto em sua maioria absoluta por pessoas brancas. Foi nesse processo, no qual ingressei na universidade em julho de 2016, época em que a política de cotas vinha se firmando e mais pessoas negras e indígenas vinham entrando nos espaços do ensino superior que discutia com colegas de turma e professores(as) mais abertos à críticas sobre essas percepções e incômodos de como questões raciais, de gênero e classe não eram profundamente tratados dentro da grade curricular do nosso curso e de forma articulada.

Esse compartilhamento entre discentes não brancos foi de extrema importância para nos darmos conta que o ensino que nos estava posto não condizia ou conversava com a realidade brasileira, nordestina, maceioense e, de alguns, periférica em que estávamos inseridos(as/es). Qual o motivo de projetar diversas casas de luxo? Dentro delas projetar quartos de empregada? Qual o motivo de aprender o nome de todas as construções romanas e saber diferenciá-las? Qual o motivo de fazer milhares de seminários para aprender unicamente pontos de vista de homens brancos europeus ou norte-americanos/estadunidenses? Qual o motivo dos arquitetos e urbanistas estudados como repertório se resumirem a figura de homens brancos do sul e sudeste do Brasil ou, mais uma vez, a homens brancos europeus ou norte-americanos/estadunidenses, enquanto não se vê quase nenhum negro, poucas mulheres, quiçá uma mulher negra, muito menos pessoas indígenas?

Eles não paravam por aí, me lembro que os questionamentos eram diversos e sempre partiam do lugar de fala de nós, estudantes não brancos(as/es). Dentro dessas indagações que fomos indo em busca de nossas ferramentas, já diria Audre Lorde⁹:

[...] a fim de definir e buscar um mundo no qual todas nós possamos florescer. É aprender como pegar nossas diferenças e transformá-las em forças. Pois as ferramentas do mestre não irão desmantelar a casa do mestre. Elas podem nos permitir temporariamente a ganhar dele em seu jogo, mas elas nunca vão nos possibilitar a causar mudança genuína. [...] Num mundo de possibilidade para todas nós, nossas visões pessoais ajudam a montar a base para ação política. [...] (MULHERES, 1979, online).

Estudos como o [Trabalho Final de Graduação](#) das estudantes do mesmo curso de Arquitetura e Urbanismo que o meu e também grandes amigas minhas: "[Análise interseccional da vida urbana: reflexões acerca da condição das mulheres negras na cidade de Maceió - AL](#)" de Mayara de Paula¹⁰ (2019) e "Quando as ancestrais narram a expansão da cidade: o caso do bairro Benedito Bentes em Maceió/AL sob uma perspectiva genderizada e racializada" de Amanda Magalhães¹¹ (2022), foram alguns dos primeiros trabalhos a tratar de temáticas raciais e de gênero (interseccional) em seu escopo no curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL. Da mesma forma inaugural nessas temáticas, os projetos de pesquisa de iniciação científica "Maceió pelas Mulheres: desigualdades de gênero, construção e ocupação feminina dos espaços públicos na capital alagoana no século XXI" (2019-2020) e sua continuação "Maceió pelas Mulheres: Representatividades femininas na produção e ocupação dos espaços públicos da capital alagoana no século XXI" (2020-2021), ambos feitos sob organização da Prof.^a Flávia Araújo. Assim como a "Roda de Conversa: "Racismo Acadêmico" (2019), organizada pelo antigo [Centro Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL - Vale](#), do qual eu fazia parte, e pela [ANU \(Associação de Negros da UFAL\)](#), realizada logo após um [episódio de racismo ocorrido na disciplina de "Formação do Pensamento Científico"](#), da qual eu também fazia parte e presenciei o crime.

Enfim, reforço que dentro da FAU/UFAL essa busca por nossas ferramentas, parafraseando Audre Lorde (1979), é recente, moldou nossa formação (fora da sala de aula) e deu-se por meio da mobilização e demanda estudantil, principalmente, e de algumas professoras que compartilhavam da ideia e esses foram apenas alguns dos exemplos das articulações feitas fora dos espaços da sala de aula. Ressalto aqui, então, que este TFG surge a partir dessas diversas pessoas incríveis que me inspiraram, nossa forma de pensar não é produto da universidade, fomos formados pelo movimento negro sem nem perceber. A

⁹Audrey Geraldine Lorde, lésbica, negra, feminista, guerreira, poeta, mãe, norte-americana/estadunidense e de descendência caribenha, foi uma importante escritora feminista e ativista dos direitos civis, do movimento negro e da causa LGBTQ+ durante o século XX.

¹⁰Mayara de Paula é arquiteta e urbanista paulista formada pela Universidade Federal de Alagoas, Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia e também uma grande amiga minha que tive o prazer de conhecer e compartilhar momentos. Ela tem pesquisas com foco na análise urbana das mulheres negras na cidade.

¹¹Amanda Magalhães é arquiteta e urbanista alagoana formada pela Universidade Federal de Alagoas e também outra grande amiga. Ela tem estudos concentrados nas áreas de gênero, raça e urbanismo.

universidade apenas nos deu as ferramentas, como explica a filósofa Sueli Carneiro¹², no podcast "Mano a Mano" (2022), articulando seus pensamentos à Audre Lorde (1979). A partir do entendimento dessas ferramentas é que podemos desmantelar a casa do mestre, na busca de nossas próprias.

É nesse sentido de construção do conhecimento de forma coletiva pelo movimento estudantil negro que, assim como Renato Nogueira¹³ coloca neste trabalho:

[...] [algo que] merece alguma atenção é o uso do "nós" ao invés do "eu"¹⁴. Alguma leitora, algum leitor poderia perguntar: "por que escrever na primeira pessoa do plural?". Eu mantenho o desejo de escrever na primeira pessoa do plural ou melhor, nós mantemos – porque estou acompanhado de ideias e pensamentos que me foram presenteados por autoras e autores diversos, [por amigos, por familiares, colegas e professoras de pesquisa que compartilham desse fazer conhecimento]. (Nogueira, 2019, p. 128)

No processo de pelo menos reconhecer estas colocações e nossa posição como iniciante nas "realidades internas do mundo negro", tal qual colocaria Cruise (1967), que este trabalho se desenvolve, por vezes engatinha e desse modo se empodera, como afirma Joice Berth¹⁵, **"Empoderar, dentro das premissas sugeridas, é, antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução** das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto [...]" (2018, p. 19, grifo nosso). Ou seja, por vezes eu sei que não vamos tratar com total propriedade sobre o assunto, afinal, falar sobre raça é complexo quando não se tem uma formação que no mínimo tocou no assunto e assim precisamos buscar informações para além da sala de aula.

Mesmo assim escolhemos falar e nesse processo também situar nosso conhecimento, nossa educação e minha posição enquanto um jovem autor negro quase formado em Arquitetura e Urbanismo. Simultaneamente, ressaltamos que não devemos nos diminuir enquanto teóricos(as/e) e pesquisadores(as), muito pelo contrário, há sim uma dificuldade em falar dentro do regime repressivo do racismo e do colonialismo e por esta razão precisamos exaltar nossa posição de coragem, de nos abrir, de nos colocar como pessoas negras e por vezes compartilhar eventos pessoais, de dor, revolta, orgulho ou inspiração dos quais partem nossos estudos. Estamos aqui também propondo uma mudança nos fazeres da Academia e dos conhecimentos que nos foram impostos. Qualquer passo que dermos, pelo menos o de questionar, já é de imensa valia.

¹²Aparecida Sueli Carneiro é uma escritora, filósofa e ativista do movimento negro brasileiro. Doutora em Filosofia pela USP e fundadora do GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra, é considerada uma das mais relevantes pensadoras do feminismo negro no Brasil.

¹³Renato Nogueira é carioca e Doutor em Filosofia pela UFRJ. Professor do Departamento de Educação e Sociedade (DES) do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDuc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Pesquisador do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro). Tem estudos com foco na filosofia africana, com destaque para estudos com perspectiva na infantilização.

¹⁴Ressalto que em alguns pontos utilizo o "eu" como forma de apontar experiências pessoais. Mas fora desse contexto o "nós" prevalece.

¹⁵Joice Berth é militante feminista do movimento negro, arquiteta e urbanista por profissão formada na Universidade Nove de Julho e pesquisadora da área de Direito à Cidade, com foco nas dinâmicas de raça e gênero dos espaços urbanos, regularização fundiária, remoções e urbanização de favelas.

...sobre Academia, conhecimento e descolonização

Diante dessa trajetória, então, é importante destacar que os espaços da Academia enquanto uma instituição de ensino, prática e desenvolvimento do conhecimento, não são neutros, e sim um local branco de dominação. Grada Kilomba (2019) enfatiza que dentro do regime do racismo e do colonialismo o silenciamento das pessoas não brancas¹⁶ é utilizado como mais uma forma de opressão. “[...] conceitos de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial. [...]. Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes [...] têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas [...]” (Kilomba, 2019, p. 50-51).

É preciso então reconhecer a violência dos espaços acadêmicos e das estruturas de validação do conhecimento inerentes a ele. Essa deslegitimação das formas de conhecimento e do conhecimento produzido por grupos dominados (não brancos) é o que Sueli Carneiro chama de epistemicídio.

[...] para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, [o epistemicídio é] um processo persistente de produção da indigência cultural [...]. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes, [que buscam conhecimento]. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento ‘legítimo’ ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc. (Carneiro, 2005, p. 97)

O foco das matrizes curriculares em autores que se resumem a imagem do homem branco europeu ou norte-americano/estaduniense, além da maioria quase absoluta de professores brancos, como apontado acima, demonstra esse epistemicídio. A própria formação de boa parte dos(as/es) professores(as) em ainda não saber como lidar com temáticas raciais, de gênero, ou que falem sobre alguma opressão de minorias sociais, de não serem qualificados para tanto. A intenção aqui não é de apontar dedos, mas simplesmente de falar sobre a realidade como a vemos no curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL. Agora, apontamos dedos sim, quando professores(as) têm a chance de ter contato com tais temáticas através da articulação, motivação e convite dos(as/es) estudantes e mesmo assim são ignorados ou as temáticas tratadas de forma insensível na qual a figura da docência sempre se mostra como vertical, impondo mais uma vez a

¹⁶Em seu trabalho Grada Kilomba usa os termos “negras/os” e “People of Color (PoC)”. Neste trabalho, contudo, a título de não utilizar um termo em inglês, criticar o seu uso e também abarcar demais grupos que sofrem do racismo (povos indígenas, por exemplo) optou-se por utilizar o termo pessoas não brancas. Destaca-se, porém, que quando o assunto precisa ser direcionado a um grupo, esse será citado. Em algum momento do desenvolvimento do TFG chegamos a optar pela utilização do termo pessoas racializadas. Contudo, nos questionamos as razões do por que apenas pessoas negras e indígenas (não brancas no geral) são as únicas tratadas a partir da visão de raça. Afinal, branco também é raça. Porque pessoas brancas não são vistas como racializadas? Talvez esse meio também seja outra forma de silenciar tais debates e não salientar que o racismo não é um problema das pessoas que sofrem dele, mas de quem o criou, da branquitude. Assim, optamos por utilizar o termo pessoas não brancas.

ideia de quem tem o poder, o domínio do conhecimento e quem deve simplesmente se curvar a esses pensamentos conservadores, desqualificando e deslegitimando trabalhos que na verdade são inovadores e necessários.

Outro episódio de violação na academia foi no meu processo de desenvolvimento deste trabalho. No início do processo de TFG, os estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU/UFAL, no geral e pertencentes a mesma grade curricular que eu (de 2006), devem apresentar um Plano de Trabalho (o qual chamamos de PT) do Trabalho Final de Graduação junto ao(à) orientador(a) e frente à banca de professores/as avaliadores/as da casa, demonstrando a intenção do que será desenvolvido no TFG. A minha defesa do Plano de Trabalho ocorreu online em dezembro de 2020 e minha temática já delineava a questão da raça como ponto central. O trabalho era intitulado, provisoriamente, "Sobrevivendo no Inferno: perspectivas afrofuturistas para a cidade de Maceió-AL" (ainda ressalto que minha apresentação seria seguida pela de outra colega de turma que também tratava de temática racial, além de questões de gênero). Ao final da minha apresentação, durante as considerações da banca de avaliadoras, 04 (quatro) pessoas com e-mails fora do domínio da universidade ingressaram na reunião do Google Meet de forma anônima (na verdade com nomes fictícios) e começaram a perturbar o decorrer da apresentação, colocando vídeos pornográficos no compartilhamento de tela, profirindo xingamentos e, assim, interrompendo o andamento do Plano de Trabalho; além delas, outras dezenas de pessoas tentaram entrar na sala, mas foram negadas pela professora responsável pelo ingresso na reunião ao perceber o comportamento das demais.

Após, aproximadamente cinco minutos de tentativas de excluir os(as/es) invasores(as), decidimos sair da sala e abrir uma nova reunião para dar continuidade e conclusão dos trabalhos. Nos dias seguintes uma carta da Direção e do Conselho da FAU/UFAL foi divulgada, falando sobre o ocorrido, informando sobre a necessidade de se tomar ações de prevenção e que medidas para investigação, identificação e punição dos invasores(as) foram tomadas. O interessante é saber que as bancas de PT tinham divulgações de alcance interno à FAU/UFAL, tendo sido a data, horário e nome das apresentações publicizadas tradicionalmente nos e-mails e grupo de WhatsApp da faculdade, além da página do Facebook do curso, devido ao caráter público delas. Após a publicação da carta, a universidade não mais entrou em contato para falar sobre a identificação e punição dos/as/es invasores(as). O que nos interessa mais é que, pelo baixo alcance de divulgação, temos certeza que o ataque veio de pessoas pertencentes à própria FAU/UFAL.

Ou seja, desse ocorrido, tiramos como conclusão que meu trabalho

não era bem-vindo, válido, merecia ser atacado, humilhado. E o que recebi como assistência formal da universidade, para além do óbvio apoio da banca orientadora no momento, da coordenação de TFG e da minha orientadora, foi uma carta repudiando o ato, falando sobre sua investigação e reforçando que estudos como esse deveriam ser respeitados. Não basta a complexidade de lidar com a temática, ainda precisamos lidar com o literal epistemicídio e negação do que entendemos como fazer ciência e produzir conhecimento. Outra vez parece que a estrutura da Academia é construída a fim de não possibilitar e/ou dificultar que estudos como este aconteçam. Apesar disso, nesses episódios encontramos força na mobilização de outros(as/es) estudantes e amigos(as/es) que compartilham desse fazer como uma literal luta de vida.

Complementar a isso, mais uma questão a ser destacada é que dentro da academia, majoritariamente branca, este TFG já surge como um trabalho que desafia suas próprias estruturas ao apontar sua branquitude, as formas como ela oprimem e utilizam de seus próprios sistemas para perpetuar sua hegemonia. Assim, às vezes, ele é reconhecido como muito revoltoso e agressivo, principalmente por docentes brancos(as/es), por outras, como um trabalho acolhedor, necessário, inovador e afetuoso, curiosamente e na maioria dos casos, por pessoas negras. Queremos aqui pontuar que esse lugar de revolta é sim verdadeiro, inclusive dele, no capítulo "Gênesis", parto este trabalho, no entanto, essa mesma posição não deve ser confundida com um lugar de raiva, da figura do sujeito negro agressivo e violento, ao qual sempre somos reduzidos pela branquitude (Kilomba, 2019).

É nesse sentido que outro significativo ponto deve ser abordado mais uma vez: neste trabalho, estamos falando sobre as dores (e falar sobre dor não é nada fácil), as vezes nos sentimos livres e por outras não em compartilhar histórias pessoais para nelas realizar reflexões e críticas. Em seu podcast "Mano a Mano", em episódio com Sueli Carneiro, o rapper e artista Mano Brown¹⁷ enfatiza que "[...] a gente romantiza algumas lutas que não são tão simples e não são tão bonitas assim" (2022, online). Nossa vida não é pública e falar de si deve partir de si, do próprio conforto em compartilhar. Não se deve confundir que nós nos pomos em nossos estudos como "objetos" da nossa pesquisa, como comumente as pessoas brancas tratam pessoas não brancas, objetificando-as, colonizando-as, dominando-as, mas sim que nos posicionamos e pesquisamos sobre raça, apenas isso. Nós falamos sobre nós porque nós queremos, não por que nos foi cobrado.

RELAÇÕES RACIAIS E ESPAÇO URBANO

Silvio de Almeida¹⁸ nos alerta que "[...] a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades con-

¹⁷Mano Brown, nome artístico de Pedro Paulo Soares Pereira, é um dos mais famosos rappers e compositores brasileiro. Nascido em São Paulo, Mano Brown formou em 1988 o grupo Racionais MC's junto de Ice Blue, Edi Rock e KL Jay. Suas letras são conhecidas por falar sobre a vida em bairros negros, racismo, violência e crime organizado, por isso o consideramos também um dos maiores teóricos no Brasil quanto ao assunto.

¹⁸Sílvio de Almeida é advogado, filósofo, doutor e pós-doutor em Direito pela Universidade de São Paulo. Natural de São Paulo, preside o Instituto Luiz Gama e se consolidou como uma das novas vozes no panorama intelectual brasileiro, principalmente a partir do lançamento de seu livro "Racismo Es-

temporâneas." (2019, p. 24-25). É importante, então, falar de como a história moderna e sua construção da noção de homem fazem a ideia de raça ganhar relevância social até os tempos atuais. As grandes revoluções liberais que dão base às constituições de igualdade das sociedades contemporâneas fundamentam-se sobre a filosofia iluminista, a mesma que instaurou, do ponto de vista intelectual, a diferença entre o civilizado e o primitivo, chamando isso de razão e dando como missão de vida ao homem branco europeu (cisheteronormativo e cristão) a tarefa de levar essa civilização aqueles ditos menos desenvolvidos, dentre eles, os diversos povos africanos.

É nessa direção que Achille Mbembe¹⁹ (2018a) destaca que o colonialismo surge como um projeto de universalização dos colonizados nos espaços da modernidade e, logo, das atuais sociedades. O racismo antinegro aparece então como um meio de autolimitação do povo negro e de instrumentalização de seus corpos em nome da garantia dessa razão branca. Isso é, a sociedade colonial é construída em cima de uma narrativa de hegemonia do ser branco, aquele que importa, que deve ser preservado e respeitado, na qual tudo é absoluto e se houver contestação é seguida de repressão. "Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo 'normal' com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. **O racismo é estrutural.**" (Almeida, 2019, p. 50, grifo nosso). Dependendo assim de aparatos, práticas e organizações subjetivas e funcionais que sempre se renovam e adaptam para perpetuar a mesma lógica de poder e desigualdade.

Ao aproximar esse fato do campo da Arquitetura e Urbanismo, mais especificamente das cidades e seus espaços urbanos, percebe-se que a colonialidade causa diversos impactos no fazer político, econômico e social cidadão, da micro à macro escala. Numa mesma casa temos a suíte master com jacuzzi e closet e do outro lado um quarto de empregada sem ventilação adequada; numa mesma rua temos pessoas morando em casas e apartamentos de luxo e pessoas sem teto; num mesmo bairro temos condomínios com uma infraestrutura de alto padrão totalmente murados e do outro lado pessoas vivendo em assentamentos precários localizados em encostas; num mesmo município temos áreas com grandes concentrações de renda, enquanto outras não chegam nem a um salário mínimo; numa mesma região metropolitana temos cidades com áreas contendo grande diversidade de usos, ao passo que outras têm um caráter de uso primordialmente residencial.

"O racismo delimitou não apenas os espaços sociais, mas também os espaços físicos desenhando as cidades de maneira excludente e segregacionista, reforçando a supremacia branca como forma de po-

¹⁹Achille Mbembe é um dos mais importantes filósofos, teóricos políticos, historiadores e intelectuais sobre estudos pós-coloniais. Professor universitário Wits Institute for Social and Economic Research (WISER) da Universidade Witwatersrand de Joanesburgo, Mbembe nasceu na República de Camarões e ficou bastante conhecido pelas suas obras *Necropolítica e Crítica da Razão Negra*. de seu livro "Racismo Estrutural" (2019).

der predatório." diz Joice Berth ([2019, online](#)). Ou seja, a raça é um dos fatores fundamentais para consolidação dessa desigualdade e da garantia da hegemonia branca. Afinal: quem mora nas periferias? Quem habita nas áreas mais privilegiadas de localização e infraestrutura? Quem é responsável pelos trabalhos de base e serviços na cidade? Quem faz parte das esferas de gestão e planejamento do Estado? Quem tem jornada de trabalho tripla? Quem mais utiliza os transportes públicos, caracterizados pela precariedade e lotação? Porque a necessidade de projetar quartos de empregada?

O acesso ao que deveria de fato ser o Direito à Cidade é definido pela raça, mas não só por ela, também pelo gênero e classe, como nos alerta Mayara de Paula ([2019](#)) em sua análise interseccional²⁰ da vida urbana em Maceió-AL com foco nas condições de vida das mulheres negras. Dentro dos grupos que fogem da norma branca e logo são hierarquizados em um nível de desonra e inferiorização, há quem sofra mais ainda por ter outros marcadores sociais que os perpassam. De forma similar ao racismo, o sistema patriarcal e o machismo surgem como ferramentas de dominação e violação: às mulheres o direito de escolha é privado, elas são utilizadas como instrumentos para realização de diversas tarefas de serviço domiciliar, produtivas e reprodutivas.

Ao analisar os mapas de infraestrutura básica da cidade de Maceió [acesso à água, iluminação pública, coleta de lixo, esgotamento sanitário, pavimentação, calçadas e presença de esgoto a céu aberto e lixo na rua] e sobrepor suas informações foi possível identificar bairros que sofrem de maneira mais intensa com a precarização desses itens. [...]. Esses bairros possuem a maior quantidade de setores censitários que sofrem com a precarização da infraestrutura básica, maioria de população negra e, também, grande quantidade de mulheres responsáveis pelo domicílio [...]. Nessa lógica, essas mulheres, que possuem diversas jornadas, e tarefas produtivas e reprodutivas, acabam tendo que lidar com a sobrecarga e as dificuldades advindas da falta de infraestrutura. (Paula, 2019, p. 62).

Existem padrões no modo de fazer e pensar a cidade e a arquitetura que colocam as pessoas negras em um constante lugar de subalternidade e materializam relações de hierarquia. Portanto, repensar o que está posto, principalmente em nosso campo de Arquitetura e Urbanismo "[...] é uma questão incontornável dentre tantas outras para a superação do fantasma colonial e escravocrata [que ainda se arrasta] [...]", como afirma João Pena²¹, no artigo "[O quarto de empregada e a morte de Miguel](#)" (2020, p.116). O modo de desenvolvimento capitalista, então, surge como mais um meio de garantia da hegemonia branca

²⁰O conceito de interseccionalidade é cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989, como uma maneira analítica de pensar identidade e sua relação com o poder. Carla Akotirene, militante da causa negra, feminista e Doutora em Estudos de Gênero, Mulheres e Feminismos pela UFBA, em seu livro "Interseccionalidade", ressalta que "[...] por engano, pensamos que a interseccionalidade é apenas sobre múltiplas identidades, no entanto, a interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais. A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos." (2018, p. 37).

²¹João Soares Pena é urbanista e doutor em Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia – PPG-AU/UFBA (2015-2020). Também tem doutorado sanduíche no Amsterdam Institute for Social Science Research (AIS-SR) da Universiteit van Amsterdam (UvA). Suas pesquisas e interesses se voltam para estudos que trabalhem a relação entre espaço urbano, gênero, sexualidade e raça.

e do não acesso ao Direito à Cidade por grupos oprimidos. Direito este compreendido aqui não só pela definição do Estatuto da Cidade — de entendimento da propriedade urbana em prol do bem coletivo, do “[...] direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infraestrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações” ([Brasil, 2001, online](#)) —, mas como uma filosofia e compromisso ético-político da necessidade de uma vida digna e plena em compartilhamento e pertencimento mútuo das pessoas e meio em que vivem.

A urbanização, pela lente do capitalismo, da sua visão de mundo, sempre foi entendida apenas como um fenômeno de classe. Pelos sentidos de mundo da interseccionalidade, contudo, podemos ver que não apenas só da classe, assim como da raça, gênero e outros marcadores sociais. Enxergar as cidades contemporâneas brasileiras somente como um reflexo de processos mercantis é reduzi-la e, assim, apagar, mais uma vez, as populações racializadas que verdadeiramente a construíram a custos de processos exploratórios e colonizadores impostos pelo povo branco, que, contudo, sempre tende a reivindicar, por meio da história, de discursos e símbolos, que eles são donos e responsáveis pelos processos de “avanço” e “desenvolvimento”. Mas não, eles são responsáveis pelas feridas.

David Harvey²² (2014), por exemplo, urbanista marxista branco europeu, internacionalmente reconhecido por seus estudos de ampliação do que seria o direito à cidade, recai nessa mesma narrativa e limita seu discurso à sua visão de mundo branca de conquistador. Dessa forma, a produção e o dito “desenvolvimento” — em aspas, afinal só privilegia pessoas brancas — das cidades contemporâneas são ligadas intimamente ao capitalismo, mas da mesma forma a questões raciais, de gênero e demais marcadores sociais como nos mostra a perspectiva interseccional. Segundo Joice Berth, em alusão e crítica aos estudos de Jane Jacobs²³ (2007), outra teórica branca norte-americana/estadunidense de visão limitada: **“O racismo é um urbanista que planeja e define espaços de morte e vida nas grandes cidades”** ([2019, online, grifo nosso](#)).

As cidades contemporâneas brasileiras, portanto, são marcadas por essa forte dicotomia social e espacial definida por diversas formas de opressão e sua intersecção. Débora Cavalcanti²⁴, no artigo [“Lutando por um lugar na cidade de Maceió, Brasil”](#) (2017) (derivado de sua tese de doutorado), desenvolve a ideia de ~~territórios da pobreza,~~

[...] espaços onde as diferentes facetas da segregação urbana: social, econômica e cultural (incluindo estigmas de raça) — podem ser encontradas todas no mesmo lugar

²²David Harvey é um homem branco britânico, nascido em 1935. Geógrafo formado pela Universidade de Cambridge e professor da Universidade da Cidade de Nova York. Tem seus estudos voltados a partir de uma orientação marxista. O autor é um dos principais nomes da Geografia Humana contemporânea, sendo em 1995 ganhador do Prêmio Vautrin Lud, o Nobel da Geografia.

²³Jane Jacobs é uma mulher norte-americana/estadunidense branca, reconhecida pela sua obra “Morte e vida das grandes cidades” (1961), no qual critica as formas e tendências da prática do urbanismo moderno na década de 1950 nos Estados Unidos da América, em especial a conformidade e ampliação das cidades em prol dos automóveis e rodovias e como isso causa uma degradação na vida urbana de forma ampla.

²⁴Débora Cavalcanti é professora de arquitetura e urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas. PhD em Planejamento Urbano pela London School of Economics and Political Science (2010), tem seus estudos com foco em planejamento e gestão urbano-ambiental participativos e atuando no diálogo com movimentos sociais de moradia de Alagoas.

[...]. Os ~~territórios da pobreza~~ sintetizam uma forte combinação de aspectos econômicos, físicos e sociais que caracterizam os espaços dos pobres nas cidades contemporâneas. Estes espaços são caracterizados por um ciclo intergeracional de pobreza, o declínio da confiança na mobilidade social e a prevalência de uma certa homogeneidade étnica em determinados espaços. 'Novas' dinâmicas como a extrema violência dentro dos assentamentos exacerbam as dificuldades em viver dentro de espaços [e sair deles]. (2017, p. 4, grifo nosso).

Neste trabalho tacharemos o termo ~~territórios da pobreza~~ como uma forma de criticar seu uso, tendo em vista que auxilia na estigmatização negativa e de inferiorização de territórios nos quais a população negra habita. Em vez dele, usaremos o termo **bairros negros**, cunhado pelo teórico Henrique Cunha (2021), no intuito de buscar outros discursos e assim melhor descrever as territorialidades negras nas cidades, não reduzindo-a apenas a visão de classe, como comumente é tratado, e portanto desinibilizando a relação racial na organização espacial das cidades para além de não só enxergar essas áreas pela sentença da miséria e da pobreza de capital, usualmente, conceituadas por teorias urbanísticas eurocêntricas de negação a diversidade e reprodutora de dualismos e da naturalização da inferioridade dessas áreas: ~~cidade formal x informal, centro x periferia, bairros populares, periféricos, aglomerados subnormais~~. Nesse mesmo caminho e em contrapartida, para descrever as áreas privilegiadas da cidade, que só existem em meio à exploração, utilizaremos o termo **bairros brancos**. Da mesma maneira, o recurso da taxação será desfrutado para criticar outros termos (como os demais acima tachados) que auxiliam nessa percepção.

O Estado, nesse cenário, operado e dominado pela figura da hegemonia branca, só surge de dois modos: em casos de emergência ou de modo a manter essa desigualdade, por meio de processos institucionais e legais. São exemplos dessa prática o estímulo ao espraio urbano, dado pela construção de loteamentos, destinados à população de baixa renda, de uso e ocupação residencial homogênea, de baixa qualidade arquitetônica e em lugares muito distantes das centralidades econômicas/sociais/culturais já existentes na cidade. O maior investimento em ações policiais do que em políticas públicas de educação, saúde, infraestrutura, cultura e lazer em áreas periféricas. Ou mesmo a invisibilização das populações marginalizadas, simplesmente mantendo um baixo perfil de atendimento e diálogo ou por vezes alegando a falta de recursos e corpo técnico qualificado (o que não é real, pois mesmo frente a recursos²⁵ o Estado mostrou-se ineficaz e estimulador das desigualdades). Nessa não mobilização do Estado frente à pobreza de capital que diversas pessoas negras mor-

²⁵Entre 2009 e 2018, R\$110 bilhões de reais foram investidos pelo Orçamento Geral da União no Programa Minha Casa Minha Vida, com a marca de 5.567.032 unidades habitacionais contratadas e 4.087.628 unidades habitacionais entregues. Contudo, em 2017, o déficit habitacional no Brasil ainda se mantém alto, cerca de 7,8 milhões de domicílios, enquanto em 2013 a marca era de 7,3 (LIS, 2019).

rem devido a uma violência estrutural, dita silenciosa, mas que grita, só não é dada ouvidos, exercida sobre elas por instituições públicas e privadas.

As periferias e favelas, são parte de uma importante articulação de desumanização de sujeitos negros, expostos a práticas racistas que culminam com a morte física. Os espaços das cidades espelham as hierarquias raciais que estão dadas pelo sistema sociopolítico, e precisam se tornar componentes de análise e diagnóstico, denominadas em todos os planos e trabalhos que visem melhorias socioespaciais. Não é casual o clima de guerra instaurado nas periferias e áreas de favelas, com a desculpa de inibição do tráfico de drogas [por exemplo]. Sabemos que a guerra às drogas é uma guerra contra a população negra, já que não são apenas os lugares pretos das cidades que têm tráfico, as áreas brancas e elitizadas também têm. **Esses espaços pretos são lugares do racismo que se materializaram para cancelar as outras práticas que figuram no grande guarda-chuva da hierarquia racial histórica. Nesses lugares a permissão social se alia ao descaso e à perpetuação de estereótipos, estigmas e a violência física e simbólica que mata pessoas negras e pobres desde os primórdios desse país.** ([Berth, 2019, online, grifo nosso](#))

Portanto, "Em um mundo em que a raça [gênero, classe e diversos outros marcadores sociais, como nos mostra a abordagem interseccional,] define a vida e a morte, não a tomar como elemento de análise das grandes questões contemporâneas demonstra a falta de compromisso com a ciência e com a resolução de grandes mazelas do mundo." (Almeida, 2019, p. 57). Dentro desse contexto que se constrói a narrativa e soberania de hegemonia branquitude, apenas às pessoas brancas é reservado o privilégio aos direitos, à piedade, à comoção, à razão. Qualquer fuga que ponha em risco esse ideal é passível de controle "[...]. Aqui estou, mais um dia. Sob o olhar sanguinário do vigia. [...]" (Sobrevivendo, 1997, online). Para descrever as sociedades contemporâneas e essa normalização com a morte de diversos povos considerados minorias sociais, Achille Mbembe (2018b) traz o conceito de Necropolítica e Necropoder: a política e o poder da morte, que incidem sobre aqueles que têm aceitabilidade para morrer, que são descartáveis, aqueles que precisam sobreviver no inferno das cidades atuais.

FÓRMULA MÁGICA DA PAZ": CONSIDERAÇÕES PARA OUTROS INÍCIOS

Essa porra é um campo minado
Quantas vezes eu pensei em me jogar daqui

Mas aí, minha área é tudo o que eu tenho
A minha vida é aqui, eu não consigo sair
É muito fácil fugir mas eu não vou
Não vou trair quem eu fui, quem eu sou
Eu gosto de onde eu vou e de onde eu vim
Ensino da favela foi muito bom pra mim
Cada lugar um lugar, cada lugar uma lei
Cada lei uma razão, eu sempre respeitei
Qualquer jurisdição, qualquer área
[...] Eu sei como é que é, é foda parceiro
É a maldade na cabeça o dia inteiro
Nada de roupa, nada de carro, sem emprego
Não tem ibope, não tem rolê sem dinheiro
Sendo assim, sem chance, sem mulher
Você sabe muito bem o que ela quer, é
Encontre uma de caráter se você puder
É embaçado ou não é?
Ninguém é mais que ninguém, absolutamente
Aqui quem fala é mais um sobrevivente
Eu era só um moleque, só pensava em dançar
Cabelo black e tênis all star

Trecho da música "[Fórmula Mágica da Paz](#)" dos Racionais MC's (Sobrevivendo, 1997)

Colagem 3 - King - série
Transcender: a Cidade dos
Sonhos Negros.
Fonte: Paula; Marques,
2022.



Aqui escrevemos, não a fim de obter respostas concretas, mas para instigar dúvidas e questionamentos, por isso, neste capítulo entendemos que não trazemos considerações finais, mas considerações para possibilitar outros inícios, outros estudos, outras pesquisas e outras percepções e pensamentos sobre a cidade e seus bairros negros.

Dessa maneira, nos percursos e processos de desenvolvimento do Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, nos deparamos com alguns apontamentos. Primeiramente, começo a entender que esse artigo fruto de um TFG é, antes de tudo, um projeto de autoconscientização acerca do nosso lugar no mundo, no nosso lugar dentro do campo de Arquitetura e Urbanismo, acadêmica e profissionalmente.

Existem padrões no modo de fazer e pensar a cidade e a Arquitetura e Urbanismo que colocam as pessoas negras em um constante lugar de subalternidade e materializam relações de hierarquia herdadas de uma história colonial a fim de preservar privilégios do ser branco. Repensar o que está posto em nosso campo de Arquitetura e Urbanismo, questionar desde conceitos até práticas através de uma percepção racializada é um dever. Para intelectuais negros(as/es), esse dever tem diferentes pesos, pois ao mesmo tempo que fala sobre ressignificar e repensar discursos e práxis, também fala sobre adentrar e refletir sobre episódios próprios de dor da população negra. É importante, contudo, ressaltar que dentro da academia, tais modos de produzir conhecimento por muitas vezes são invalidado pelos pesquisadores brancos, que são uma maioria estrutural nos espaços acadêmicos; por outras vezes é objetificado por esses mesmos pesquisadores, que naturalizam e jamais dissociam a imagem de dor ao ser negro.

Somado a isso, ainda existe a sobrecarga de estudos ao se falar sobre raça e racismo, afinal a questão ainda não é tratada como referência fundante nos currículos de formação de estudantes de Arquitetura e Urbanismo e ainda pouco pesquisada e debatida de forma geral. Tal cenário, porém, é modificado com a implementação da política de cotas e conseqüente mudança do perfil discente, o qual instiga a necessidade de tais assuntos serem implementados. É nessa perspectiva que percebemos que falar sobre raça e racismo foi um processo difícil e, portanto, é preciso reconhecer limites. Também, na mesma medida, reconhecer a potência do compartilhamento com outros(as/es) amigos(as/es) negros(as/es) para se sentir acolhido e validado no processo de produção e questionamento deste conhecimento posto.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BAIRROS Negros: a forma urbana das populações negras no Brasil. Disciplina de Extensão - ministrada por Henrique Cunha e Fábio Velame. Salvador: Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Arquitetura, 2021.

BERTH, Joice. Áreas brancas e áreas negras: o redline nas cidades brasileiras. **Carta Capital**, São Paulo, 08 abr. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/areas-brancas-e-areas-negras-o-redline-nas-cidades-brasileiras/>. Acesso em: 02 set. 2022.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. **Manual de Atuação para membros do Ministério Público em crimes violentos letais intencionais**. Brasília: CNMP, 2021. 32 p. Disponível em: https://www.cnmp.mp.br/portal/images/Publicacoes/documentos/2021/Manual_Atuaao_Crimes_Violentos.pdf. Acesso em: 25 jan. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001**. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm. Acesso em: 02 set. 2022.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

CAVALCANTI, Débora de Barros. Lutando por Um Lugar na Cidade de Maceió, Brasil. **Revista GEO UERJ**, Rio de Janeiro, n. 30, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/28310>. Acesso em: 25 out. 2021.

CRUSE, Harold. **The crisis of the Negro intellectual**: a historical analysis of the failure of Black leadership. New York: Morrow, 1967. Disponível em: <https://archive.org/details/crisisofnegroint0000crus/page/450/mode/2up?q=peculiarities>. Acesso em: 25 jun. 2022.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. Tradução: Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

INSTITUTO LOCOMOTIVA. Exame: No Brasil, 84% percebe racismo, mas apenas 4% se considera preconceituoso. Instituto Locomotiva, Rio de Janeiro, 30 abr. 2021. Disponível em: <https://ilocomotiva.com.br/clipping/exame-no-brasil-84-percebe-racismo-mas-apenas-4-se-considera-preconceituoso/>. Acesso em: 20 maio 2022.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LIS, Laís. Minha Casa Minha Vida completa 10 anos com quedas nas contratações. **G1 Brasília**, Brasília, 25 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/03/25/minha-casa-minha-vidacompleta-10-anos-com-queda-nas-contratacoes.ghtml>. Acesso em: 20 maio 2022.

MAGALHÃES, Amanda Borges Castelo Branco de. **Quando as ancestrais narram a expansão da cidade**: o caso do bairro Benedito Bentes em Maceió-AL sob uma perspectiva genderizada e racializada. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2022.

MARQUES, Leandro Ferreira. **'Sobrevivendo no Inferno'**: experimentos com montagem urbana na cidade de Maceió/AL. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Maceió, 2022.

MARQUES, Leandro Ferreira. Me Curar em Mim: As Cidades Negras. **Fotocronografias**: A cidade em metamorfose: imagem, direito à cidade e gentrificação, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 19, p. 294-313, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/fotocronografias/article/view/129762>. Acesso em: 25 jul. 2022.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: N-1, 2018.

MULHERES negras: as ferramentas do mestre nunca irão desmantelar a casa do mestre. **Portal Geledés**, jul. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-iraodesmantelar-a-casa-do-mestre/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

NOGUERA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. **Momento**: diálogos em educação, [S. l.], E-ISSN 2316-3100, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./abr., 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8806>. Acesso em: 30 ago. 2022.

PAULA, Mayara Almeida de. **Análise interseccional da vida urbana**: reflexões acerca da condição das mulheres negras na cidade de Maceió - AL. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, 2019. Disponível em: https://issuu.com/_mayaps/docs/an_lise_interseccional_da_vida_urbana_tfg_. Acesso em: 28 out. 2020.

PAULA, Tayná Almeida de; MARQUES, Leandro Ferreira. Transcender: a Cidade dos Sonhos Negros. **Fotocronografias**: Procuram-se sonhos na cidade: culturas juvenis, artes e resistências, Rio Grande do Sul, v. 7, n. 17, p. 90-105, 2021. Disponível em: <https://medium.com/fotocronografias/vol-07-num17-2021-culturas-juvenis-artes-e-resist%C3%A2ncias-900ef7cf5091>. Acesso em: 25 jul. 2022.

PENA, João Soares. O quarto de empregada e a morte de Miguel. **Epistemologias do Sul**: Pensamento Social e Político em/para/desde América Latina Caribe, África e Ásia, Foz do Iguaçu, v. 3, n. 1, p. 110-117, 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2445>. Acesso em: 02 set. 2022.

MANO A MANO: Mano Brown recebe Sueli Carneiro. [Locução de]: Mano Brown. Spotify Studios, 26 maio 2022. Podcast. Disponível em: https://www.google.com/url?q=https://open.spotify.com/e/2eTloWb-3Nrmog0RkUnCPr?si%3D5fb884d37b74488d&sa=D&source=docs&ust=1662987702473276&usg=AOvVaw2Sy_lopHFRUcY9ZLuX063I. Acesso em: 05 set. 2022.

REIS, Vilma. **Atucaitados pelo Estado**: as políticas de segurança pública implementadas nos bairros populares de Salvador e suas representações, 1991-2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/13695/1/Atucaitados%20pelo%20Estado%20-%20Vilma%20Reis.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.

RELAÇÕES étnico-raciais em arquitetura, urbanismo e cidade. Disciplina de Extensão - ministrada por Fábio Velame. Salvador: Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Arquitetura, 2021.

SOBREVIVENDO no inferno. Racionais MC's. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. Álbum de música (108 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fVQ3YYnic2o>. Acesso em: 23 out. 2020.